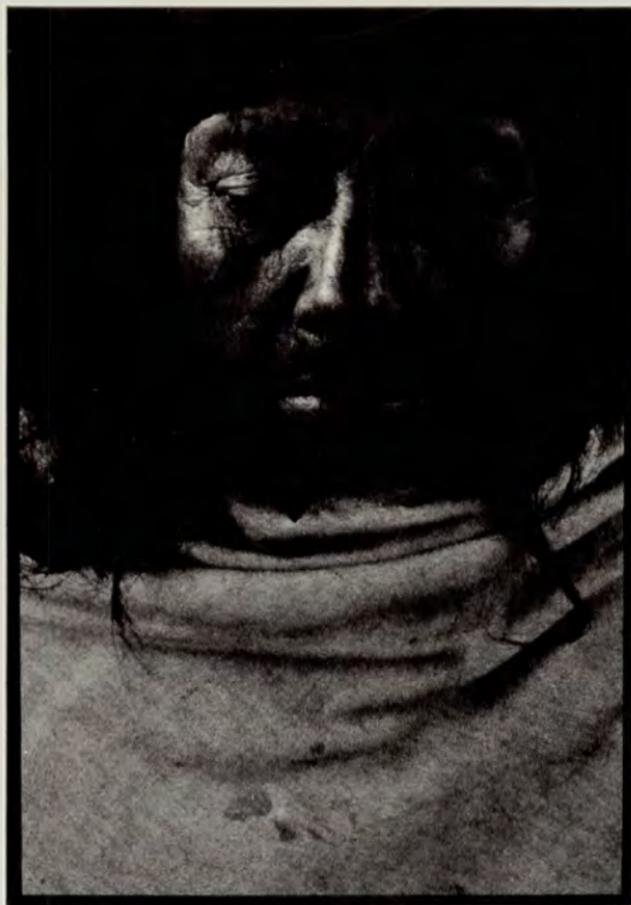


MISSA DA TERRA SEM MALES



D. Pedro Casaldáliga
Pedro Tierra
Martin Coplas
Fotos de Cláudia Andujar

tempo 27
e presença

**MISSA
DA TERRA
SEM
MALES**

D. Pedro Casaldáliga
Pedro Tierra
Martin Coplas
Fotos de Cláudia Andujar

**MISSA
DA TERRA
SEM
MALES**

tempo 27
e presença

Rio de Janeiro
1980

Programação visual Claudius Ceccon
Produção dos textos Anita Slade
Arte final Martha Braga
 Marcia Pinheiro
Revisão Carlos Cunha
Fotolitos Editora Gráfica Luna
 Rio (textos)



Tempo e Presença Editora Ltda.
Caixa Postal 16.082
22221 Rio de Janeiro RJ

Diretor Domicio Pereira de Matos
Coordenador Paulo Cesar Loureiro Botas
Equipe Redatorial Carlos Cunha
 José Ricardo Ramalho
Conselho Editorial Carlos Alberto Ricardo
 Leticia Cotrim
 Zivinglio Mota Dias
 José Ricardo Ramalho
 Carlos Rodrigues Brandão
 Jether Pereira Ramalho
 Eliseu Lopes
 Henrique Pereira Jr.
 Carlos Mesters
 Beatriz Araújo Martins

CEDI
Centro Ecumênico
de Documentação e Informação
Rua Cosme Velho, 98 fundos
22241 Rio de Janeiro RJ
Av. Higienópolis, 983
01238 São Paulo, SP

.....

*América Ameríndia
ainda na Paixão
um dia tua morte
terá Ressurreição!*

.....

*Os pobres desta terra
queremos inventar
essa Terra-sem-males
que vem cada manhã.*

Sumário

- 9 **Memória e Compromisso**
Pedro Casaldáliga
- 21 **Missa da Resistência Indígena**
Pedro Tierra
- 27 **Por uma Terra sem Males**
Martin Coplas
- 33 **Missa da Terra sem Males**
- 68 **Partitura**



Bororo

Memória e Compromisso

Pedro Casaldáliga

Os cristãos estamos habituados a reconhecer e a celebrar somente os mártires que outros nos fazem. Ignoramos tranqüilamente os muitos mártires que nós fazemos.

Aqui, no Brasil, 1978 foi “Ano dos Mártires” da Causa Indígena. Celebravam-se trezentos e cinquenta anos dos três Mártires Riograndenses, Roque Gonzalez, Afonso Rodriguez e João Castilhos. O CIMI — Conselho Indigenista Missionário — achou que era de justiça que não se celebrasse apenas a morte dos três missionários jesuítas. Porque os mortos eram muitos mais. Devia-se também celebrar a morte de milhares de índios, sacrificados pelos Impérios Cristãos de Espanha e Portugal.

Uns e outros, Mártires da Causa Indígena. A Cruz, no meio deles todos. Aqueles, morrendo pelo amor do Cristo. Estes, massacrados “em nome” do Cristo e do Imperador:

*... mártires indefensos
pelo Reino de Deus feito Império,
pelo Evangelho feito decreto de Conquista.
Vítimas dos massacres que ficaram com nome glorioso
na mal contada História,
na mal vivida Igreja...
(“Proclama Indígena”)*

As Ruínas de São Miguel, no Rio Grande do Sul, “monumento-ferida em desafio”, são o testemunho central do intento missionário das “Reduções Índias” dos Jesuítas, nos séculos XVII e XVIII. A famosa República dos Guarani, que mereceu os elogios insuspeitos de Voltaire e de Montesquieu. Essas Ruínas são também o testemunho constrangedor da barbárie dos cristianíssimos colonizadores ocidentais, nossos avós espanhóis e portugueses. Sepé Tiaraju, luzeiro na testa, “São Sepé” para a fé do Povo, corregedor da Missão de São Miguel e o mais ilustre chefe guerreiro guarani, foi assassinado, juntamente com outros mil e quinhentos companheiros, pelos Exércitos de Espanha e de Portugal, irmanados na hora da barbárie. Nos campos de Caiboaté, dia 7 de fevereiro de 1756.

Nessas Ruínas históricas e nesse Ano dos Mártires da Causa Indígena, nasceu a idéia da Missa da Terra-sem-males.

Pensou-se, primeiro, numa Missa “missioneira” em torno às Missões dos Sete Povos Guarani. Assim me pedia o irmão marista Antônio Cechin, gaúcho “arrependido”, revisador da História “mal contada”, cronista apaixonado da caminhada do Povo, catequista da Libertação, também perseguido “no Templo e no Pretório”.

Eu cultivo a convicção de que América Latina — América Ameríndia, mais na raiz — ou se salva continentalmente ou

continentalmente se afunda. Seu passado de cativo é um saque continental. Continental deve ser a marcha de seu futuro de libertação.

Os Povos Indígenas do Continente, além do mais, tão diversificados em sua cultura e em suas realizações, foram reduzidos, pelos Povos Conquistadores, à categoria anônima e arrasada de "Índios". Conhecidos como Índios apenas, como Índios foram depredados e confinados aos manuais e às vitrinas. Sua Memória, então, devia ser celebrada numa só Missa, una e comum, um Sangue só e uma igual Esperança: a Missa Ameríndia.

*Eu sou América, sou o Povo da Terra,
da Terra-sem-males,
o Povo dos Andes,
o Povo das Selvas,
o Povo dos Pampas,
o Povo do Mar...*

*Do Colorado,
de Tenochtitlan,
do Machu-Pichu,
da Patagônia,
do Amazonas,
dos Sete Povos do Rio Grande...*

Os Guarani, filhos da grande Nostalgia, buscadores incansáveis da "Terra-sem-males", dariam o utópico tom político e também escatológico. A Terra-sem-males, que a mística guarani secularmente vem procurando, num êxodo comovente, é uma Terra possível, o dever fundamental da História Humana, a tensa alegria de nossa Esperança em Jesus Cristo, o Senhor Ressuscitado, o Novo Céu e a Terra Nova que o Pai Deus jurou dar a seus filhos.

Eu, missionário, espanhol — no caso, ser catalão não faz diferença —, diria minha parte de contrição, em nome da Espanha colonizadora e em nome da Igreja missionária. *Pedro Tierra* — estranhável pseudônimo de Hamilton Pereira da Silva —, brasileiro telúrico e vítima heróica da Repressão neo-colonizadora, diria sua parte, em nome do Brasil, com a força irada de seus Homens novos, e *Martín Coplas*, argentino, descendente de quechua e aymara — pseudônimo com sabor de alma musical popular e que carrega o respaldo prócero de Martín Fierro — diria, em solfa, em várias músicas aborígenes do Continente, a parte mais profunda. Por Martín falariam outra vez as flautas dos Andes emudecidas e o amedrontado tambor do coração de seu Povo.

O mais, a História já o contou, bem ou mal. Os Museus exibem-no com sacrílega passividade. E os novos Impérios —

nacionais e multinacionais — da cobiça da terra, madeira, minério e mão-de-obra barata — continuam a executá-lo, perante os olhos impassíveis da Civilização Ocidental Cristã.

Verdade é que a última palavra ainda está por dizer:

*"América Ameríndia,
ainda na Paixão:
um dia tua Morte
terá Ressurreição!"*

Esta Missa já escandalizou a alguns. E não apenas TFP, (Tradição, Família e Propriedade) que a tachou de "sacrílega" e "blasfema". (Falando em TFP e Causa Indígena, lembro-me daquela charge que explica tudo. O Índio pergunta ao heraldo da T F P, que pregonava pelas ruas, estandarte em alto, sua ordem conservadora:

"Ó TFP, tu vais defender também meu Tradição, meu Família e meu Propriedade...?"

Imagino que escandalizará também a alguns dos meus nostálgicos patricios. Foi cantada tão belamente a epopéia hispânica da Descoberta da América! ("Llevaban la Espiga y la Rosa / y los Mandamientos y el Ave María...").

O etnocentrismo e o lucro capitalista — e todo tipo de egoísmo pessoal, étnico ou econômico — impedem de entender e assumir não apenas esta Missa, mas toda Missa. Porque toda Missa verdadeira escandaliza necessariamente. A Missa é sempre uma ruptura, um Sacrifício, uma Passagem libertadora da Morte para a Vida: PÁSCOA.

Os cristãos primitivos tinham uma consciência mais clara do risco que significava celebrar a Ceia Pascal do Senhor, aquela “memória perigosa”.

Para nós — cristãos menos lúcidos ou menos honestos — a Missa tem sido, por tempo demasiado, um sossegado espetáculo litúrgico a que se assiste passivamente e com o qual se cumpre uma prescrição eclesiástica. Por tempo demasiado viemos passando pela Missa como se passa por um coquetel social, sem nos marcar a vida com o Sangue da Aliança, sem abrir mão da nossa segurança egoísta em favor do Reino da Liberdade. Fechados num clima contraditoriamente “católico”, que nega o Ecumenismo e a autêntica Catolicidade, que desconhece, de fato, o valor universal da Encarnação do Filho de Deus e sua Oblação em prol de todos os irmãos dispersos. Neste clima, os Índios, evidentemente, não têm nada a fazer numa Missa...

A revista missionária "Sem Fronteiras", cenário de uma pequena polêmica em torno à Missa da Terra-sem-males, pediu-me que mediasse no assunto. Isso fiz com uma simples carta, da qual são os parágrafos seguintes:

"Acredito na missão que foi a vocação de Jesus, que é essência da Igreja, no dizer do Vaticano II. E me sinto herdeiro dos missionários de ontem — de seus pecados e de seus méritos. O "nós" da "Memória Penitencial" da Missa é um nós eclesial, coletivo. Que cristão pode negar, que cristão não deve assumir reparadoramente os erros cometidos ontem e hoje pela Igreja de Jesus, às vezes com a melhor boa vontade?

Os homens erram e os cristãos continuam humanos. Paulo repreendeu a Pedro por tentar acobertar a transmissão da cultura judaica na transmissão do Evangelho livre de Jesus Cristo. Foi em nome da Civilização Ocidental, chamada de "cristã", que os Conquistadores, acompanhados dos Evangelizadores, destruíram de fato, não apenas Culturas mas Povos inteiros. Segundo estatísticas sérias, dentro das várias opiniões, o Brasil, na época da conquista, teria cinco milhões de Índios... Hoje tem cento e oitenta mil. Devo julgar o passado pelos olhos que hoje tenho, antropologicamente, teologicamente. O que não significa culpar as intenções dos homens do passado. Se não pudéssemos julgar

assim, nem adiantaria estudar a História que caminharíamos. O Novo Testamento é um juízo do Testamento Velho, feito pelo próprio Filho de Deus.

Perder a terra, perder a língua, perder os costumes, é perder o chão da vida, deixar de ser. Deixar de ser aquele Povo e, geralmente, deixar de ser mesmo. Quem não respeita uma Cultura, quem age etnocentricamente, "escraviza", sim. O Evangelho é Fé, não cultura. O Evangelho deve se encarnar em todas as Culturas de todos os Tempos. Todas elas humanas, todas susceptíveis de um aperfeiçoamento superior: a Graça do Verbo, encarnado nelas."

Acredito que a Missa da Terra-sem-males seja ortodoxa. Os quase quarenta bispos que participaram de sua primeira celebração, na catedral da Sé, de São Paulo, no dia 22 de abril de 1979, não reclamaram, muito pelo contrário. A Missa respeita o esquema litúrgico. Não é um oratório apenas, menos ainda um "show". É um texto musical e recitado, que ambienta e traduz indigenisticamente a Celebração Eucarística real.

Apaixonadamente, isso sim. Por ser a gente o que é e porque, no dizer do teólogo evangélico francês Gedorges Casalis, um escrito

teológico — ou litúrgico ou pastoral — sem paixão, já não mais refletiria a prática, a morte e a vida de Jesus de Nazaré.

A Missa tem dois momentos maiores, como textos indigenistas: a “Memória Penitencial” e o “Compromisso Final”. A Memória, num diálogo entre América Ameríndia e a coletiva consciência de nossa Civilização — colonizadora, missionária. O Compromisso, alternando trágicas referências históricas, algumas bem recentes, com o grito coletivo e compungido da Comunidade celebrante: “Memória, Remorso, Compromisso!”

Através da Missa toda, a Morte do Cristo e sua Ressurreição, sua Páscoa pessoal já completa, contrasta-se com a Páscoa Ameríndia, carregada de mortes, mas “ainda sem Ressurreição”. Toda a Missa, entretanto, vem traspassada de uma incontida Esperança, contrariamente ao que alguém quis entender. Traspassada também de um inevitável compromisso político, que torne acreditável e eficaz, agora e aqui, essa Esperança, escatológica em última instância.

A Missa invoca seus Santos: do lendário Montezuma até o missionário João Bosco, fuzilado, a meus pés, pela Polícia Militar, na delegacia de Ribeirão Bonito. Um canto emocionado à Mãe Padroeira da América define aquele espírito continental

de que antes falei, a vontade de convocar, de congregar todos os Povos do Continente, numa só marcha de Libertação:

*Morena de Guadalupe,
Maria do Tepeyac,
congrega todos os Índios
na estrela do teu olhar,
convoca os Povos da América
que queres ressuscitar.*

No mais, o que importa é celebrar comprometidamente a Missa, toda Missa, comprometendo-se com a Causa dos Povos Indígenas, com a Causa-raíz da América. E viver e se "des-viver" por encontrar a Terra-sem-males e construí-la imediatamente, dia após dia, e esperá-la ainda sempre, contra toda esperança, e anunciá-la fidedignamente com o limpo testemunho da própria existência.

Guarani de Deus todos nós, um dia a alcançaremos.

*"Uirás" sempre à procura
da Terra que virá,
Maíra nas origens,
no fim Marana-tha!"*

São Félix do Araguaia, MT



Xikrin

A Missa da Resistência Indígena

Pedro Tierra

A Missa da Terra-sem-males começou a brotar sobre a pedra das ruínas de São Miguel, no Rio Grande do Sul. Terra de fronteira entre a América espanhola e portuguesa, estas duas Américas que são uma só. América dividida pelo fogo dos conquistadores.

O templo semidestruído de São Miguel é um monumento testemunho do massacre do Povo Guarani, testemunho da resistência e da grandeza dos Povos Indígenas de toda a América. As pedras escurecidas pelo fogo e pelos séculos narram com seu terrível silêncio a passagem dos bandeirantes, a devastadora passagem dos exércitos de Portugal e Espanha.

A própria História da Resistência dos Povos Indígenas aos conquistadores gestou no sangue esta Missa da Terra-sem-males. A marcha dos Povos indígenas do Continente, buscando seu próprio rosto, sua identidade, arrancou dos massacres sepultados pela história oficial toda a força de sua esperança num Continente libertado.

Quem busca sua identidade volta-se necessariamente para o passado. Para extrair dele o metal das armas que empunhará na construção do futuro. Neste poema vulcânico, a América mergulha suas raízes na terra-mãe-ameríndia e retira dela a seiva elementar que nutre o sonho e a marcha de seus filhos.

A Missa da Terra-sem-males é uma missa de memória, remorso, denúncia e compromisso. Ela nos atira no rosto esta realidade fatal: de todos os continentes escravizados — Ásia, África e América — a América é o único que não retornará a seus filhos. Não se trata de sonhar o impossível sonho de uma América puramente índia. Trata-se de constatar a inenarrável violência com que os conquistadores saquearam este Continente.

A Ásia se levanta e seus filhos a terão um dia. Os povos negros da África reconquistam palmo a palmo o Continente devastado pelo colonialismo. A América, contudo, jamais retornará às mãos dos povos indígenas, sepultados pelos massacres de Cortez, Pizarro, Valdívia, Raposo Tavares. Devorados pelas minas de Potoso, escravizados pelas bandeiras, exterminados em todo o Continente pela peste que o branco trouxe no sangue. Sem retórica, cabe dizer que os conquistadores Ingleses, Espanhóis e Portugueses se lançaram sobre o Continente americano como uma malta de saqueadores, reduzindo a escombros três impérios riquíssimos e exterminando, num espaço de quatro séculos, cerca de noventa milhões de índios.

A Missa da Terra-sem-males brotou em terra Guarani, o Povo-aliança da América Índia. No centro do Continente, os Guarani foram duplamente submetidos. O conquistador,

português ou espanhol, converteu a terra guarani em campo de batalha até a destruição completa de tudo quanto representasse trabalho humano ou humana aspiração.

Contra toda a violência, contra todo o sangue derramado, o Povo Guarani foi capaz de sonhar a Terra-sem-males. Não foi um "Céu-sem-males", foi uma *Terra-sem-males*, a utopia possível. A utopia construída pela luta de todos os oprimidos. A pátria libertada de todos os homens.

Poderia ter sido um poema, uma cantata, mas nasceu missa. Porque é impossível separar a história dos Povos Indígenas da América da presença da Igreja entre eles. A mesma Igreja que abençoou a espada dos conquistadores e sacramentou o massacre e o extermínio de povos inteiros, nesta missa se cobre de cinza e faz sua própria e profunda penitência. A penitência por si só não conduz a nada, nem sequer alivia a responsabilidade histórica que a Igreja assumiu ao lado do branco colonizador. Contudo, a História marcha e a Igreja mantém um laço profundo com os oprimidos da América. Que esta penitência contribua para que este laço se converta em compromisso com a marcha do Povo a caminho de sua libertação.

A Missa da Terra-sem-males só se apossará de toda a sua dimensão quando alcançar sua vestimenta continental. É

profundamente significativo que ela tenha sido escrita em português, idioma desta Brasil-quase-continente, oprimido e instrumento de opressão, gigante e escravizado, historicamente empregado de seus irmãos, vítimas do mesmo saque, combatentes da mesma resistência.

A Missa da Terra-sem-males é uma convocação a todos os oprimidos da América que marcharam durante séculos e marcham hoje em busca da Terra-sem-males libertada.

Goiânia, 8 de outubro de 1979



anomami

Por uma Terra sem Males

Martin Coplas

Dentro de nossa memória histórica se afloram, desde suas entranhas, ritmos, melodias e instrumentos, que fazem parte da longa caminhada de nossos povos por tantos séculos dizimados e massacrados.

Desde sempre. Desde o fundo escuro das minas, dos canaviais, dos engenhos, hervatais e madeireiras, se faz presente esta Raça, que fecunda com Seu Grito

*Essa Terra sem Males
que vem cada manhã!*

Tentando mostrar as raízes culturais de "Nuestra América", selecionei para a Missa da Terra-sem-males alguns dos ritmos mais importantes e populares que representam as diferentes regiões deste Continente Americano.

A Missa da Terra-sem-males é estruturada em sete movimentos musicais, cujos ritmos e melodias descrevo a seguir.

Porto Alegre, Novembro 1979

Abertura

Chaya - dança popular dos Andes

Memória Penitencial

Longo-meio - ritual dos Índios Araucanos, Região Sul da Cordilheira

Baguala - Ritmo popular do Andes Meridional

Dança Toba - Ritual dos Índios Tobas, região do Chaco Austral e Boreal

Yaravi - Ritmo melódico da Região Setentrional dos Andes, com origem Aymaro-Quechua

Vidala - Ritmo indígena dos Vales Calchaquies.

Memória Penitencial (segunda parte)

Malambo - Dança pampeana da Região Sul do Continente, origem Tehuelches, Charruas e Querandies

Aleluia

Cueca Andina - Dança popular do Andes Meridional

Ofertório

Huayno - Ritmo incaico da Cordilheira dos Andes

Rito da Paz

Kaluyo - Ritmo melódico pré-colombiano

Comunhão

Chacarera Trunca - Dança popular do Noroeste argentino

Compromisso Final

Estilo Pampeano - Melodia da região pampeana

Retumbo - Ritmo característico do Cone-Sul, com origem Mapuche Araucana

Tentarei, de algum modo, também, registrar os diferentes instrumentos empregados para expressar as modulações regionais já citadas.

Quena

É um instrumento fundamental, original da América Latina, pertencendo à Era Paleolítica. As primeiras quenens foram feitas

de pedra e osso. Atualmente são feitas de taquara. É um instrumento de sopro, com afinação pentatônica.

Tarka-Anat

Também de sopro, a Tarka-Anat é um instrumento de origem incaica. Todo trabalhado em madeira, possui um som grave, profundo e monótono.

Bombo Legüero

Instrumento de percussão. Feito com tronco de árvore e coberto com couro cru. É característico do Sul do Continente. É chamado de Bombo-legüero porque ressoa a léguas. Era utilizado como um meio de comunicação entre os indígenas.

Pinkuko

Flauta similar à quena, com marcante influência ocidental.

Charango

Instrumento de dez cordas, similar ao Alaúde. O charango foi trazido à América Latina pela civilização ocidental. Os indígenas construíram "os seus charangos com casco de tatu e cordas de intestinos de animais". Em sua forma original era feito de madeira.

Sikuri ou Zampogna

Instrumento de sopro, feito de taquaras amarradas paralelamente. O número de taquaras varia de região para região. Semelhante às flautas de Pan, orientais, o Sikuri é muito tocado nas festas populares do norte da Argentina, Bolívia e Chile.

Cul-trum

Instrumento de percussão, de origem Araucano. Feito de madeira trabalhada e tentos de couro cru.



Yanomami

Missa da Terra sem Males

Abertura

todos (Canto)

*Em nome do Pai de todos os Povos,
Mãira de tudo,
excelso Tupã.*

*Em nome do Filho,
que a todos os homens nos faz ser irmãos.
No sangue mesclado com todos os sangues.
Em nome da Aliança da Libertação.*

*Em nome da Luz de toda Cultura.
Em nome do Amor que está em todo amor.*

*Em nome da Terra-sem-males,
perdida no lucro, ganhada na dor,
em nome da Morte vencida,
em nome da Vida, cantamos, Senhor!*



Xikrin

Memória Penitencial

Todos (Canto)

*Herdeiros de um Império de extermínio,
filhos da secular dominação,
queremos reparar nosso pecado,
viemos celebrar a nova opção: Ressurreição.
na Ceia da Morte e da Vida,
a antiga memória perdida;
a morte dos Povos do passado
na Festa do Povo esperado: Ressurreição.
a História da América inteira,
nesta Memória de Libertação;
na Páscoa do Ressuscitado,
a Páscoa Ameríndia
ainda sem ressurreição... ressurreição,
sem ressurreição...*

Solo indígena,
ou recitado (R)
ou cantado (C).
Todos (Canto)

*Eu sou América,
sou o Povo da Terra,
da Terra-sem-males,
o Povo dos Andes,
o Povo das Selvas,
o Povo dos Pampas,
O Povo do Mar...*

(R)

*Do Colorado,
de Tenochtitlan,
do Machu-Pichu,
da Patagônia,
do Amazonas,
dos Sete Povos do Rio Grande...*



Yanomami

Vozes
individuais)

Eu sou Apache.
Eu sou Azteca.
Eu sou Aymara.
Eu sou Araucano.
Eu sou Maia.
Eu sou Inca.
Eu sou Tupi.
Eu sou Tucano.
Eu sou Yanomani.
Eu sou Aymoré.
Eu sou Irantxe.
Eu sou Karajá.
Eu sou Terena.
Eu sou Xavante.
Eu sou Kaingang.

Solo (R)

Eu, Guarani.
E é com canto Guarani
que todo o resto do Continente,
todos os povos do meu Povo,
cantam agora seu lamento.

C)

Irmãos, vindos de fora,
se quereis ser irmãos,
escutai o meu canto!

Todos

Queremos escutar,
de coração aberto,
com a mão do remorso
sobre a ara do peito.
Queremos reparar
a História desta Terra,
massacre secular.



Xikrin

olo (R)

*Eu tinha uma cultura de milênios,
antiga como o sol,
como os Montes e os Rios
de grande Lacta-Mama.
Eu plantava os filhos e as palavras.
Eu plantava o milho e a mandioca.
Eu cantava com a língua das flautas.
Eu dançava, vestido de luar,
enfeitado de pássaros e palmas,
Eu era a Cultura em harmonia com
a Mãe Natureza.*

odos

*E nós a destruímos,
cheios de prepotência,
negando a identidade
dos Povos diferentes,
todos Família Humana.*

olo (R)

Eu era a Paz comigo e com a Terra...

odos

*E nós te violamos
ao fio das espadas,
no fogo do arcabuz
queimamos teu sossego.*

olo (R)

*Eu conhecia o ouro, o diamante, a prata,
a nobre madeira das matas,
mas eram para mim os enfeites sagrados
do corpo da Terra Mãe.
Eu respeitava a Natureza
como se respeita a própria esposa.*

odos

*Caravelas do Lucro,
viemos navegando,
para vender a Terra
para explorar lucrando.*



Yanomami

olo (R) *Eu vivia na pura nudez,
brincando, plantando, amando,
gerando, nascendo, crescendo,
na pura nudez da Vida...*

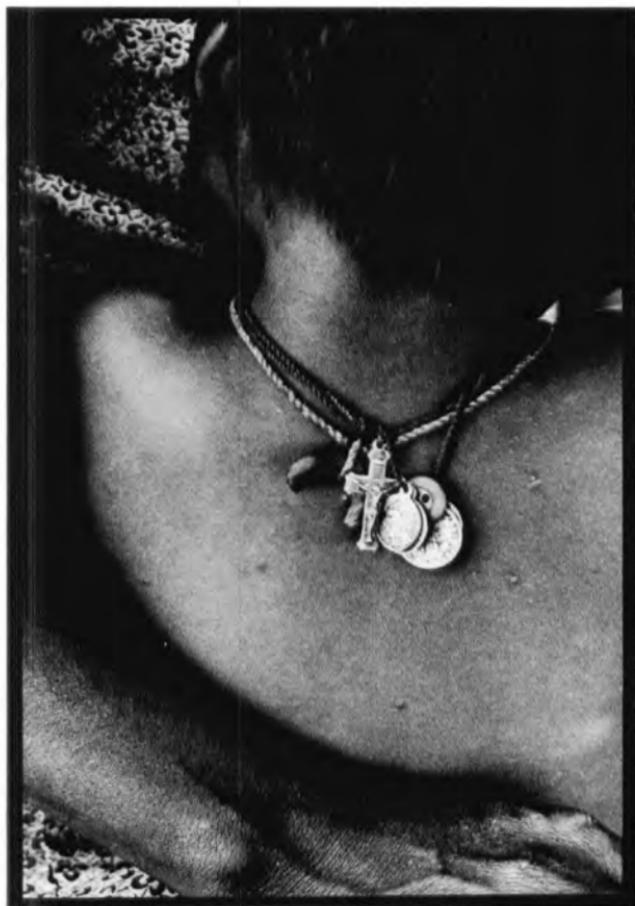
odos *E nós te revestimos
com roupas de malícia.
Violamos tuas filhas.
Te demos por Moral
a nossa Hipocrisia.*

olo (R) *Eu tinha meus pecados,
eu fiz as minhas guerras...
Mas eu não conhecia
a Lei feita Mentira,
o Lucro feito Deus.*

odos *E nós te revestimos
com roupas de malícia.*

olo (R) *Eu era a Liberdade
— não uma estátua apenas —,
Moara em carne humana,
a Liberdade viva.
Eu era a Dignidade,
sem medo e sem orgulho,
a Dignidade Humana.*

odos *E nós te escravizamos.
E nós te sepultamos
na escuridão das minas.
Dobramos o teu corpo
sob os canaviais.*



Bororo

*E te jogamos contra
as árvores amadas,
para cortar madeira,
cortando o teu espírito,
o cerne do teu Povo.*

olo (R)

*Meu tempo era o Dia e a Noite,
o Sol e a Luz,
as Chuvas e os Ventos gerais,
meu tempo era o Tempo, sem horas.*

odos

*E nós te amarramos
ao tempo do relógio,
o nosso pouco tempo
de pressas e interesses,
ao tempo-concorrência.*

olo (C)

*Eu adorava a Deus,
Maíra em toda coisa,
Tupã de todo gesto,
Razão de toda hora.*

*Eu conhecia a Ciência
do Bem e do Mal primeiros.
A Vida era meu culto,
a Dança era meu culto,
a Terra era meu culto,
a Morte era meu culto,
eu era um Culto vivo!*

odos

*E nós te missionamos,
infiéis ao Evangelho,
cravando em tua vida
a espada de uma Cruz.
Sinos de Boa-nova,
num dobre de finados!*



Yanomami

*Infiéis ao Evangelho,
do Verbo Encarnado,
te demos por mensagem,
cultura forasteira.
Partimos em metades
a paz de tua vida,
adoradora sempre,*

olo (R)

*O amor do Pai de todos
me batizou com água da Vida e da Consciência
e semeou em mim a Graça do seu Verbo,
Semente universal de Salvação.*

odos

*Quando nós te ferramos
com um Batismo imposto,
marca de humano gado,
blasfêmia do Batismo,
violação da Graça
e negação do Cristo.*

olo (R)

*Eu era um Povo de milhões de vivos,
de milhões e milhões de Gente Humana,
milhões de imagens vivas do Deus Vivo.*

odos

*E nós te dizíamos,
portadores da Morte,
missionários do Nada.*

olo (R)

*Eu vos dei a beleza do Mar e suas praias,
eu vos dei minha Terra e seus segredos,
os pássaros, os peixes, os animais amigos,
servidores.*

*O milho da espiga apertada e repartida,
o bulbo generoso da mandioca —
o pão de cada dia,*



Xikrin

*o guaraná cheiroso da floresta,
o caldo assossegante do chimarrão do Sul.
O remédio da Terra enfermeira.
A canoa, voadora nas águas.
O Pau-brasil de fogo.
nome do coração do vosso País...*

Todos

*E nós te depredamos,
desnudando as florestas,
calcinando teus campos,
semeando veneno
nos rios e no ar,
a Terra generosa,
separando, por cercas,
os homens contra os homens:
para engordar o gado
da fome nacional
para plantar a soja
da exportação escrava.*

Solo (C)

*Eu era a Terra livre,
eu era a Água limpa,
eu era o Vento puro,
fecundos de abundância,
repletos de cantigas.*

Todos

*E nós te dividimos
em regras e em fronteiras.
A golpes de ganância
retalhamos a Terra.
Invadimos as roças,
invadimos as tabas,
invadimos o Homem.*



Yanomami

Solo (R) *Eu fazia um caminho a cada vez que passava.
Era a Terra o caminho.
O caminho era o Homem.*

Todos *Nós abrimos estradas,
estradas de mentira,
estradas de miséria,
estradas sem saída.
E fizemos do Lucro
o caminho fechado
para o Povo da Terra,*

Solo (R) *Eu era a Terra inteira,
eu era o Homem Livre.*

Todos *E nós te reduzimos
em Vitrina e Reserva,
em Parque zoológico,
em Arquivo-poeira.*

Solo (R) *Eu era a Saúde dos olhos,
penetrantes como flechas,
dos ouvidos atentos,
dos músculos harmônicos,
da alma em sossego.*

Todos *E nós te mergulhamos
nos vírus, nos bacilos,
nas pestes importadas.
Teu Povo reduzimos
a um Povo de doentes,
a um Povo de defuntos.*

Solo (R) *Eu vivia embriagado na Alegria.
A aldeia era uma roda de amizade.*



Yanomami

*Meus Chefes comandavam,
servidores do Povo,
com a sabedoria e o respeito
de quem se reconhece igual ao outro.*

Todos

*E nós te embriagamos
de cachaça e desprezo.
Fizemos-te objeto
do Turismo imprudente.
Tornamos os teus Povos
uma placa de rua,
e o teu Saber antigo,
Tutela de menores.
Pusemos as algemas
dos nossos Estatutos
na tua Liberdade.
Jogamos tua Língua
nas covas do silêncio,
e os teus Sobreviventes
à beira das estradas,
à beira dos viventes...
mão de obra barata
nas fazendas e minas,
nos bordéis e nas fábricas;
mendigos dos subúrbios
das cidades sem alma;
restos do Continente
da grande Lacta-Mama...*

(A música se
torna diferente,
em tom de
desafio e
esperança)
Solo (C)

*Eu era toda América,
eu sou ainda América,
eu sou a nova América!*



Tapirapé

Todos

*E nós somos agora,
ainda e para sempre,
a herança do teu Sangue,
os filhos dos teus Mortos,
a aliança em tua Causa.
Memória rediviva,
na Aliança desta Páscoa.*

Aleluia

Todos (C)

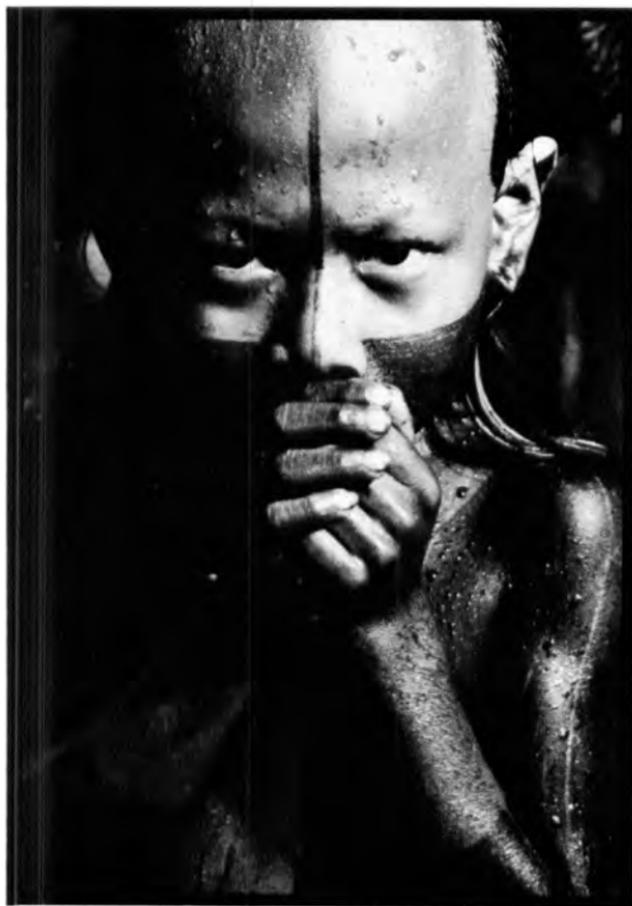
*Aleluia! aleluia! aleluia!
Todos os Povos da Terra,
da Terra-sem-males,
louvem ao Pai!*

*O Evangelho é a Palavra
de todas as Culturas.
Palavra de Deus na Língua dos Homens!*

*O Evangelho é a chegada
de todos os caminhos.
Presença de Deus na marcha dos Homens!*

*O Evangelho é o destino
de toda a História.
História de Deus na História dos Homens!*

Aleluia... etc...



Xikrin

Ofertório

Todos (R)

*Erguemos em nossas mãos
a memória dos séculos,
reunimos na carne do pão
a história do Tempo
de Libertação.*

*Aqui vos entregamos,
a vida banhada de chuva,
o milho plantado na terra,
o amor em pão repartido.*

*Aqui vos entregamos
a esperança da Terra-sem-males,
a caça-alimento na boca de todos,
o culto da dança de todas as noites.*

*Aqui vos entregamos
a paz da abundância,
a liberdade dos Homens,
a vida de Homens iguais.*

Todos

*Na herança do milho,
na massa do pão,
a Páscoa do Cristo
e a nossa união.*

*Na sorte do vinho,
na luta e na morte,
a Páscoa do Cristo
e a Libertação.*

Todos

*Erguemos em nossas mãos
a memória dos séculos,
recolhemos no sangue do vinho
a história de um tempo
de escravidão.*



Bororo

*Em nossas mãos vos entregamos
a cinza das aldeias saqueadas,
o sangue das cidades destruídas,
a vencida legião dos oprimidos.*

*Em nossas mãos vos entregamos
os seios exaustos das minas,
a água profanada dos rios,
as madeiras-em-cruz deste martírio.*

*Em nossas mãos vos entregamos
as veias abertas de América,
a pedra calada dos templos,
o pranto da memória índia.*

Todos (C) *Na herança do milho... etc...*

Rito da Paz

Todos (Canto) *Shalom,
Sauidi,
a Paz!
A Paz de Deus, na paz dos Homens.
O amor do Pai entre os irmãos.

Todos os Povos num só Povo.
Porque o Senhor é nossa Paz.

Shalom, a paz antiga.
Sauidi, a paz perdida.
Em Cristo, a nova Paz!

Shalom,
Sauidi,
a Paz!*



Yanomami

Comunhão

Todos (C)

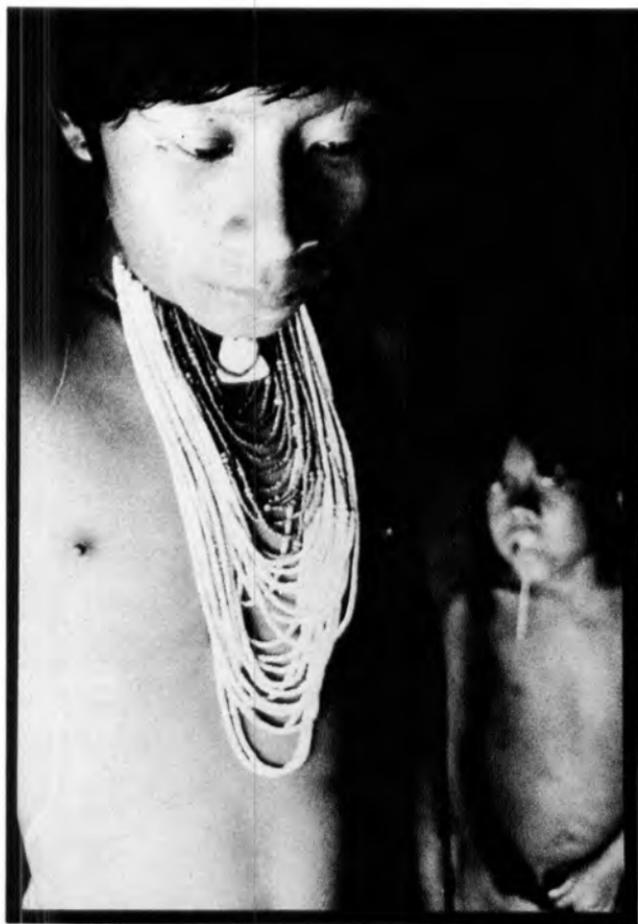
*Celebrando a Páscoa do Senhor
cantamos a Vitória
de toda a Humanidade.
Tribos de toda a Terra,
Povos de toda Idade.
Na carne do Senhor
revive toda carne.
Por isso comungamos toda luta.
Por isso comungamos todo sangue.
Por isso comungamos toda busca
de uma Terra-sem-males.*

*Libertos do primeiro Cativoiro,
cantamos a Passagem.*

*Cantando atravessamos
o novo Mar Vermelho do teu Sangue.
Cantando comungamos
o Pão da Liberdade.*

*Cantando caminhamos à procura
de uma Terra-sem-males.*

Celebrando a Páscoa do Senhor... etc...



Tapirapé

Compromisso Final

- Voz masculina (Voz masculina e voz feminina: recitado. Todos: cantado) *Alimentados da Páscoa do Senhor e na Esperança da Terra Prometida, rejeitamos todas as cadeias e, com os pés descalços sobre esta Terra nossa, retomamos a marcha dos mortos redivivos.*
- Voz feminina *Com as claras estrelas dos Povos exterminados, iluminamos a rota do último Êxodo, buscando a Terra-sem-males.*
- Voz masculina *Como fogueiras ardendo no coração da noite, a memória dos Povos perdidos conduz o passo dos seus filhos.*
- Todos *Memória / Remorso / Compromisso!*
- Voz feminina *Pelos Templos sem defesa saqueados, por todas as Cidades destruídas, pelos 90 milhões de índios massacrados...*
- Todos *Memória / Remorso / Compromisso!*
- Voz masculina *Pelas ruínas do Império do Sol, pelos Palácios Maias abolidos, por todo o Povo Azteca escravizado, pela desolação dos Sete Povos...*
- Todos *Memória / Remorso / Compromisso!*
- Voz feminina *Pelo silêncio das flautas e tambores na noite, pela morte da alma destes Povos, pela palavra "resignação" dita aos escravos...*



Karajá

- Todos *Memória / Remorso / Compromisso!*
- Voz masculina *Pelo arcabuz dos bandeirantes e bugreiros,
pelos meninos escravizados,
pelas meninas defloradas,
pelas caravanas de moribundos
rumo a São Paulo...*
- Todos *Memória / Remorso / Compromisso!*
- Voz feminina *Pela peste que trouxemos no sangue depurado,
pelas lanças quebradas na humilhação,
pelas cabeças cortadas dos Aymoré...*
- Todos *Memória / Remorso / Compromisso!*
- Voz masculina *Pelas cercas farpadas dos novos bandeirantes,
pela cachaça integradora,
na boca dos guerreiros,
pelo açúcar servido com cianureto,
no paralelo onze,
pela prepotência da Tutela e
o sarcasmo da Emancipação...*
- Todos *Memória / Remorso / Compromisso!*
- Voz feminina *Pela cruz inscrita na espada dos saqueadores,
pela devastadora Civilização que se
pretende cristã
pelas catedrais assentadas no coração
dos templos índios
pelo Evangelho da Liberdade, feito
decreto de cativoiro.*
- Todos *Memória / Remorso / Compromisso!*



Yanomami

Voz feminina (Música de súplica confiada) Todos (Cantado)	<i>Morena de Guadalupe, Maria do Tepeyac: Congrega todos os índios na estrela do teu olhar; convoca os Povos da América que querem ressuscitar.</i>
Vozes individuais (recitado)	<i>Montezuma! Atau Walpa! Tupac Amaru! Sepé Tiaraju! Toríbio de Mogrovejo! Rosa de Lima! Bartolomé de las Casas! José de Anchieta! Roque! João! Afonso! Rodolfo! Simão Bororo! João Bosco!</i>
Voz masculina	<i>E todos os Patriarcas, Profetas e Mártires da Causa Indígena!</i>
Todos (Recitado)	<i>Prosseguiremos vossa caminhada!</i>
Todos (Canto Final)	<i>Unidos na Memória da Páscoa do Senhor, voltamos para a História com um dever maior. Unidos na memória da Antiga Escravidão,</i>



Karajá

*juramos a Vitória
na nova servidão.*

*América Ameríndia,
ainda na Paixão:
um dia tua Morte
terá Ressurreição!*

*A Páscoa que comemos
nos nutre de porvir.
Seremos nos teus Povos
o Povo que há de vir.*

*Os Pobres desta Terra
queremos inventar
essa Terra-sem-males
que vem cada manhã.*

*Uirá sempre à procura
da Terra que virá...
Maíra, nas origens.
No fim, Marana-tha!*

Missa da Terra sem Malis

texto: Pedro Casaldaliga
& Pedro Terra

música: Martin Cyflor

Arranjos corais: F. M. Blaus
de Souza

I - Abertura

Chaya - (música da Argentina) (♩ ≈ 138)

Soprano
Contralto

Em no-me do Pai de to-dos os Po-rti, Hai - ra de

Tenor
Barão

Soprano
Contralto

tu-do, ex-cel-so tu-fã. Em no-me do fi-lho que to-dos os

Tenor
Barão

Soprano
Contralto

de-nos no-je ser in-mors, no san-gue me-da do-cto do to-dos os

Tenor
Barão

Soprano
Contralto

san-gue, em no-me da A-lian-ça da li-bu-ta-

Tenor
Barão

Soprano
Contralto

pão. Em no-me do Je-su de to-da cul-

Tenor
Barão

Soprano
Contralto

tu-ra. Em no-me do pa-tri que estã em to-do o mun-do em no-me da

Tenor
Barão

S
C

ter-ra sem ma-las fe-di-da na lu-cro-ga-nha da ma-dor,

T
B

S
C

em no-mem da mor-te re-nai-da, em no-mem da

T
B

S
C

can-ta-mos, Se-nhor!

can-ta-mos, Se-nhor!

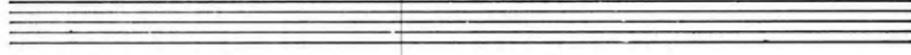
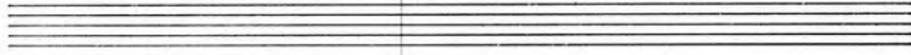
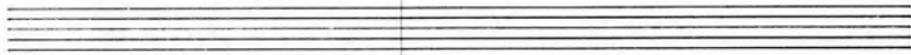
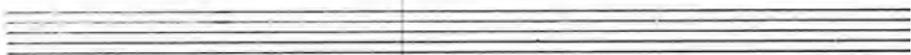
T
B

S
C

can-ta-mos, Se-nhor!

can-ta-mos, Se-nhor!

T
B



II - Memo'ria Penitencial * (introdução vocal)

(♩. ≈ 60)

The first system of the musical score consists of six staves. The top two staves are labeled S I and S II, the middle two are C I and C II, and the bottom two are T and B. The time signature is 6/8. The music features a melodic line in the vocal parts (S I, S II, C I, C II, T) and a bass line in the B part. Dynamics include *f* (forte) and *mp* (mezzo-piano). There are repeat signs at the end of the system.

The second system of the musical score consists of six staves, continuing from the first system. It includes markings for "1.ª voz" and "2.ª voz" above the vocal staves. Dynamics include *mf* (mezzo-forte). There are repeat signs at the end of the system.

The third system of the musical score consists of six staves, continuing from the second system. It includes dynamics such as *p* (piano) and *mf* (mezzo-forte).

Handwritten musical score for strings and woodwinds. The score is organized into three systems, each with seven staves: Soprano I (SI), Soprano II (SII), Clarinet I (CI), Clarinet II (CII), Trumpet (T), Bassoon I (B1), and Bassoon II (B2). The first system shows a melodic line in the soprano parts and a more active line in the woodwinds. The second system includes dynamic markings: *mp* (mezzo-piano) for the first half and *mf* (mezzo-forte) for the second half. The third system features rehearsal marks **19** and **20**, with a dynamic marking of *f* (forte) starting at rehearsal mark 20. The notation includes various note values, rests, and articulation marks.

* nas partes corais onde não aparece o texto, as melodias devem ser cantadas como a vogal "o"

Obs. - esta introdução pode ser cantada sem a parte de barítonos, sendo que os sopranos e contraltos cantam a parte do tenor e os tenores cantam a parte do baixo a uma sífona acima até o momento em que ambos cantam a melodia principal a uma sífona a baixas do tenor.

- devido ao fato de haver muitas notas longas, as respirações de um ser alternadas entre os membros de cada parte (principalmente Soprano I)

II - Memória Pontencial (Coral)

Loucos-Mes Araucanos ($\text{♩} \cong 76$)

S
C

7
8

Hen-dei-ro de um Im-plúrio de pe-tu-nú-rio, fi-lhos da re-ou-

S
C

7
8

lon do-mi-na-ção, Gu-ne-nos re-pa-ra-mo-no pe-

S
C

7
8

ca-do, ri-e-mos ce-le-brar a no-s-ra e-ção: Res-sur-ni-

S
C

7
8

ção na cei-a da mor-te e da ki-da an-

S
C

7
8

fi-sa-me-moi-ria per-di-da; a mor-te do tr-mo do pas-

S
C

7
8

ta-do, na fes-ta do 30-ro es-te-ra-do, res-sur-ni-

S
C
T
B

ção
 a His-tó-ria da mi-ni-ca in-ti-ra, mu-ta mu-

S
C
T
B

no-ria de li-ber-ta-ção; na Pas-coa do pas-sa-ci-

S
C
T
B

ta-do, na Pas-coa-mul-ti-ma-dia a-

S
C
T
B

in-da sem res-sur-rei-ção. Pas-sa-ções, sur-sur-ra-
rall.

S
C
T
B

ção.

(II) *Solo instrumental (1)*

Eu sou A-mi-ni-ca, sou Po-vo da ter-ra, da fa-ra sem

Handwritten musical score for the first system. It consists of four staves: Soprano (S), Clarinet (C), Trumpet (T), and Bass (B). The key signature is one sharp (F#) and the time signature is 4/4. The vocal line (S) features a melodic line with a long slur over the first four measures. The clarinet (C) part has a rhythmic accompaniment of eighth notes. The trumpet (T) and bass (B) parts are mostly rests, with some notes in the first two measures. A double bar line is present at the end of the system.

Handwritten musical score for the second system. It consists of four staves: Soprano (S), Clarinet (C), Trumpet (T), and Bass (B). The key signature is one sharp (F#) and the time signature is 4/4. The vocal line (S) features a melodic line with a long slur over the first four measures. The clarinet (C) part has a rhythmic accompaniment of eighth notes with some grace notes. The trumpet (T) and bass (B) parts are mostly rests, with some notes in the first two measures. A double bar line is present at the end of the system.

Handwritten musical score for the third system. It consists of four staves: Soprano (S), Clarinet (C), Trumpet (T), and Bass (B). The key signature is one sharp (F#) and the time signature is 4/4. The vocal line (S) features a melodic line with a long slur over the first four measures. The clarinet (C) part has a rhythmic accompaniment of eighth notes with some grace notes. The trumpet (T) and bass (B) parts are mostly rests, with some notes in the first two measures. A double bar line is present at the end of the system.

(II) Solo indiana (3)

eu e-do-ra-va Deus, Ma-ri-sa que to-da a Cei-ra, tu-
fa de to-do o pes-so, Ra-zão de toda a bo-ra. Encul-a-ria
cui-cia do Rei e do Real pri-mi-ros. A xi-da-ria meu
cul-to, a Dan-çar-ra meu cul-to, a tu-ra-ria meu
cul-to, a nos-tre-ria meu cul-to, Eu sou um cul-to ri-ro

(II) Coral (♩. ≈ 60)

E nós te mi-ri-za-mos, in-fi-las e-ra-ros. Gra-tos, ca-

van-de-ntu-a vi-da, a es-fa-da de-uo cruz. Si-mo de Bo-a

No-ra num do-le de fi-na-do! In-fi-las e-ra-

S
C

Sellos do do-lo em-cor-na-do, te de-nus-ta-mos ta-jem cul-

T
B

S
C

tu-ra fo-ra-ti-ra. Par-ti-mos em no-ta-de a Pa-z de tua

T
B

S
C

vi-da a-do-ra-do-ra sem-pre. A Pa-z de tu-a vi-da.

T
B

(II) Solo *Andante* (9)

Vidala

6/8

em e-rao ter-ra li-vre, em e-rao d'-sua

lim-pa, em erao men-to pre-ro, fe-cun-dos de a-bun-

dân-cia, re-ple-to de can-ti-gas. re-ple-to de can-

ti-gas.

(I) coral ($\bullet \cong 60$)

S
C
e nós te di-ri- di-mos em re-gião em pro-

T
B

S
C
te-ras. de jul-~~ho~~ de sa-nã-ção re-ta-lla-mos a tes-ra. In-ro-

T
B

S
C
di-mos as no-ças. In-ro- di-mos as tabas. In-ro- di-mos o Ho-mem.

T
B

(II) coral *(fundo)

($\bullet \cong 60$)

S
C
6/8

G
6/8

T
6/8

B
6/8

Handwritten musical score for the first system, featuring four staves: Soprano (S), Alto (A), Tenor (T), and Bass (B). The music is in common time (C) and begins with a key signature of one flat (B-flat). The Soprano and Alto parts are mostly rests. The Tenor and Bass parts contain melodic lines with eighth and quarter notes, some with slurs and accents.

Handwritten musical score for the second system, featuring four staves: Soprano (S), Alto (A), Tenor (T), and Bass (B). The music continues in common time (C) and one flat. The Soprano part has a melodic line starting in the second measure. The Alto part has a more active line with eighth notes and slurs. The Tenor and Bass parts continue their melodic lines.

Handwritten musical score for the third system, featuring four staves: Soprano (S), Alto (A), Tenor (T), and Bass (B). The music continues in common time (C) and one flat. The Soprano part has a melodic line. The Alto part features a complex rhythmic pattern with many slurs and accents. The Tenor and Bass parts continue their melodic lines.

S
II
T
B
P

* esta parte coral dev ser cantada decantada
 e recitativa; inicia em: (fado) - No abismo estranho, etc...
 e termina em: (fado) - resto do continente da Grande Lacta
 Pluvia. *ff* Termina esta frase, o coral assado cru-
 finna, com todas as vozes *mf* finaldo o 2 ultimo
 com *ff* e diminuindo ao *ff* *co*.
 Dev-se cantar esta parte coral, inteira,
 2 vezes.

(II) Solo indígena (5) (♩ ≈ 160)

Eu na to-da A-ni-ni-ca, eu sou a-in-da A-ni-ni-ca,
eu sou a-in-da A-ni-ni-ca.

This musical score is for a solo piece in 3/4 time with a tempo of approximately 160 beats per minute. It consists of a single melodic line on a treble clef staff. The lyrics are in Portuguese and describe indigenous identity. The score is divided into two systems by a double bar line.

(II) Coral (♩ ≈ 160)

E não sou a-so-la, a-in-da pa-ra sou-ber
a-he ran-ça do teu san-jel os fi- lhos dos teus
mú- tos a-a- lian-ça em tua can- ta. Me- mó-ria
re- di- vi- ra. Na a- lian-ça des- ta fas- ta

This musical score is for a coral piece in 3/4 time with a tempo of approximately 160 beats per minute. It features a vocal line on a treble clef staff and a piano accompaniment on a bass clef staff. The lyrics are in Portuguese and describe indigenous identity. The score is divided into three systems by double bar lines.

III - A Lúcia

(♩ ≈ 132)

culca Andante

S C 3/4 *p* - *le* - *lu* - *ia* - *le* - *lu* - *ia*, A - *le* - *lu* - *ia* *1ª vez* *2ª vez*

T B 3/4

S C *to* - *dos* *in* *fo* - *r* - *ma* *da* *ter* - *ra*, *da* *ter* - *ra* *sem* *ma* - *les* *con* - *sum* *as*

T B

S C *Pai* - - - *Ev* - *an* - *g* - *el* - *ho* - *ia* *fa* - *la* - *va* *de*

T B

S C *to* - *das* *as* *cul* - *tu* - *ras* *Pa* - *la* - *va* *de* *Deus* *na* *lin* - *gua* *dos*

T B

S C *hom* - *ens* *Pa* - *la* - *va* *de* *Deus* *na* *lin* - *gua* *dos* *ho* - *mens*

T B

② O Evangelho é a mensagem de todos os caminhos

③ O Evangelho é o destino de toda a História.

BIS < Presença de Deus na marcha dos Homens.

BIS < História de Deus na História dos Homens

IV - Oferb's'is

Huayno

(♩ = 80)

C:

 T:

 B:

Na lu-rampa do mi-cho na ma-ra do fão, a fai-grado *cris-to e msta y-mão*

S:

 T:

 B:

-- na m-tado vi-sita na lu-ta ma-on-te, a fai-grado *cris-to e msta y-mão*

V - Rito da Paz

(♩ = 80)

S:

 C:

 T:

 B:

Sha-bru, sau i-di, a Paz! Sha-bru, sau-

S:

 C:

 T:

 B:

i-di, a Paz! A Paz de Deus, na paz de

S:

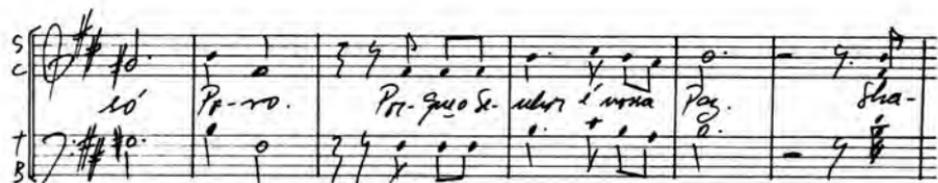
 C:

 T:

 B:

de-us. O A-mor do Pai en-tão ir-mãos e de os Pa-tes me-

S
C
T
B



so' Pá-rra. Pá-rra' guo se' nhor' i' nova Paz. Sha-

S
C
T
B



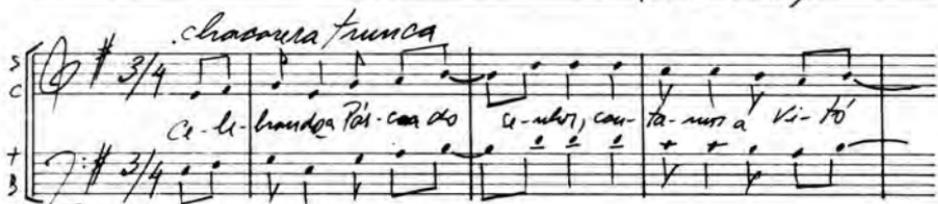
lorn sou' i- di' a Paz' pa' di- da. Com' Cris. to' a' nova Paz. Com' A Paz' an- ti- ga, sou- l- di' D.C. até Fim'

VI- Cumulação

(♩ = 176)

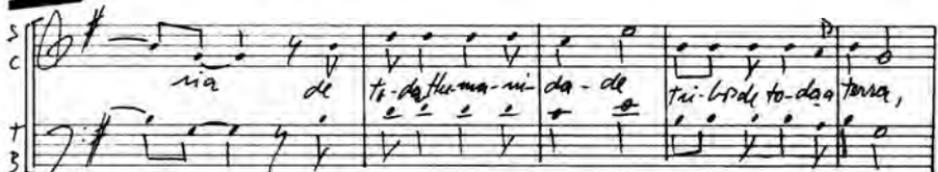
S
C
T
B

Chacatura trunca



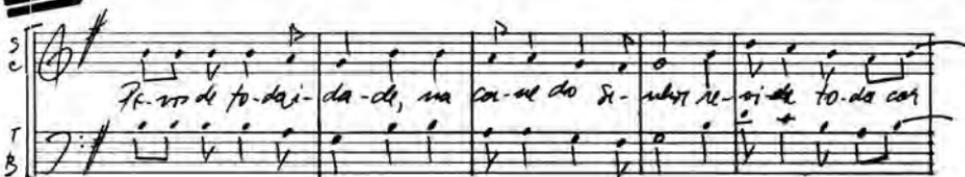
ce- li- brando Pa' com' do se- nhor, con- ta- mos a Vi- tó'

S
C
T
B



ria de ti- da hu- ma- ni- da- de jai- brar to- da terra,

S
C
T
B



Fi- no de to- da i- da- de, na con- se do se- nhor re- oi- de to- da car'

S
C

fó-dos os lu-dios nages-ti-la do teu ó-bras

T
B

S
C

con-va-cao Pá-rra da nusi-ca que que-re-mos

T
B

S
C

res-cus-si

T
B

D.C. até **FIM**

(VII-) Canto Final

Ritmo

S
C

U- ni-dos na uni-mo-rã da Pas-cao-do H- mity, tal-

T
B

fa- gra que ca- mel-nos nos mel-fre de for- rir, se-

S
C

ta- mos fa- la- ta- ra com de- nos nos os U- ni- dos na uni-

T
B

ti- mos nos pais que- ro que- los de rir vi- vos sem- pra pro-

S
C

mod-ria dan-ti-fo-ri-cao-ri-dos, fu-ra-nos a ri-to-ria da
cu-ra da ter-ra que vi-ra, ma-fo-ri-cao-ri-dos ri-tes

T
B

S
C

no-ra ser-ri-dos. A mil-ri-cao-ri-dos a-ria da ma-ria
fim, ma-ria-ria. A fo-ri-cao-ri-dos a-ria da ma-ria
B

19 VEZ

S
C

2000
foi

um di-a tu-a nos-te te-ra re-ri-cao-ri-dos

T
B

20 VEZ

S
C

es-fo-ri-cao-ri-dos que nos ca-da ma-ria

T
B

DS

